

Prólogo

Abadia de Fontevaile, Shropshire
Dezembro, 1137

O sol se pôs tímido naquele trágico dia de Natal, e os dois cavaleiros partiram para sua missão, enquanto as brasas da destruição ainda brilhavam sob o céu. Cavalgavam rápido e nada diziam durante toda a longa e desoladora viagem.

Já era quase meia-noite quando atingiram o topo da última montanha. Num consenso silencioso, o jovem e o velho cavaleiros pararam seus cavalos e fitaram o árido vale lá embaixo, onde a luz prateada da lua banhava a abadia de Fontevaile com tranquilidade sobrenatural.

— Queria que você não fosse um bastardo.

As palavras amargas do mais velho davam a medida do pesar que sobre ele se abatera naquele dia terrível. Walter de Evesham era capitão da guarda de Lancey e conhecia toda a família, era quase parte dela. Após a tragédia, desejou ter morrido com eles.

O mais jovem sorriu irônico. Desde cedo aprendera qual era seu lugar.

— Não mais que eu. Mas querer não muda o fato de que minha mãe era serva de meu pai, não sua esposa.

O capitão fitou demoradamente seu companheiro. Richard FitzHugh tinha o corpo magricela de um jovem ainda em crescimento, mas era um guerreiro corajoso e habilidoso. Havia sido sagrado cavaleiro apenas uma semana antes, e todos os que o conheciam concordavam que merecia a honraria, embora tivesse apenas dezoito anos.

— Você é o melhor dos filhos de Hugh, Richard — disse Walter, melancólico. — Seria muito melhor para Warfield se você fosse o herdeiro.

O jovem cavaleiro fez um gesto desdenhando o elogio.

— Não subestime meu irmão Adrian.

— Ah, um garoto doente, pequeno e carola — resmungou o velho capitão. — É melhor que fique em Fontevaile e faça seus votos. O que ele pode fazer para preservar seu patrimônio numa terra desvairada?

— Muita coisa. Conheço Adrian bastante bem, e não há nada de errado com o braço que empunha a espada nem com seu juízo.

Richard apertou a capa de lã em torno de sua malha de aço. Os ventos amargos de dezembro tornavam os elos de metal frios como gelo, mas

com a rebelião deflagrada nos campos, não ousaria cavalgar desprotegido.

— Embora seja jovem, acredito que defenderá Warfield melhor que qualquer um.

— Tinha esquecido que vocês dois foram mandados juntos para Courtenay para serem educados.

Sir Walter meteu as esporas em seu cavalo e desceu a montanha escura, a testa franzida, perguntando-se se o otimismo de Richard tinha fundamento.

— Sim, fomos. Dividimos um leito e treinamos juntos por cinco anos, até Adrian decidir entrar para a Igreja.

Richard conduzia sua montaria pela trilha acidentada, lembrando como dois jovens que não se permitiam sentir saudade de casa haviam se aproximado em meio a tantos rostos estranhos. Haviam se tornado verdadeiramente irmãos. Para Richard, era preferível ter Adrian que qualquer outro dos filhos legítimos de lorde Hugh como soberano.

— Adrian tinha aptidão com armas? — Havia um tom de surpresa na pergunta do capitão, pois a imagem não correspondia às suas memórias.

— Sim, tinha aptidão e também uma determinação inabalável. Testávamos nossas habilidades um contra o outro, como fazem os meninos. — Richard sorriu, fazendo uma careta. — Se eu não fosse maior, três anos mais velho e mais experiente, nunca o derrotaria. Como eu era, nós empatávamos.

— Ele conseguia derrotar *você*? — Espantado, sir Walter olhou para ele, convencido de que o jovem estava brincando, mas a expressão de seu companheiro era séria.

— Adrian veio a Fontevaile porque amava a Deus, não porque temia os homens.

Richard sabia que suas palavras não eram inteiramente verdadeiras. Embora conhecesse bem seu meio-irmão, não tinha a pretensão de achar que sabia todas as razões que levaram Adrian a se tornar monge.

— E porque, como irmão caçula, nada tinha a herdar. Agora isso mudou.

Ainda não convencido, sir Walter estava prestes a retrucar quando olhou para cima e viu a lua sobre a abadia.

— Santa Mãe de Deus — disse, puxando as rédeas e fazendo sua montaria parar agitada.

Richard também olhou para cima e perdeu o fôlego ao ver aquilo que deixara Walter perplexo. A lua cheia, que pouco antes era um perfeito círculo prateado, estava agora sendo devorada por uma sombra. A porção escurecida da lua parecia em brasa, como uma lanterna do inferno.

— Isso não significa nada — disse sir Walter com ansiedade na voz e

os olhos fixos no céu. — Já vi isso antes. Vai passar. Não significa nada.

Mas não acreditava nas próprias palavras. Eclipses sempre foram tidos como presságios de eventos sinistros, e talvez um coubesse bem naquele dia desastroso. A questão era, pensava ele exausto enquanto metia as esporas em seu cavalo cansado, rumo aos portões da abadia: aquilo era bom ou mau sinal para o jovem que se acabara de se tornar o novo senhor de Warfield?

O guardião interrogou com desconfiança os dois cavaleiros, perguntando o que queriam antes de permitir sua entrada. Em épocas como aquela, até os servos de Deus era cautelosos, e com razão. Prenderam seus cavalos e atravessaram o pátio até os aposentos do abade, enquanto folhas secas farfalhavam, remexidas pelo vento frio. Quase metade da lua estava coberta agora, tingindo tudo de um vermelho sinistro.

Então veio flutuando da igreja, através do ar gélido, o som puro e delicado dos monges cantando as matinas. Sua beleza, um lembrete da existência de um mundo melhor e mais elevado, reconfortou a alma fatigada de sir Walter. Ele apertou firme a bainha da velha espada que carregava. Se Deus quisesse, talvez Richard estivesse certo a respeito de Adrian.

A sala de recepção do abade era humilde, tendo como decoração apenas mobília muito simples e um crucifixo. Mas felizmente havia uma lareira e vinho para aquecer os ossos congelados dos visitantes enquanto aguardavam o fim dos serviços. Afundado num banco, sir Walter com gratidão bebericava o vinho, embora não estivesse surpreso que fosse ralo e barato. Fontevaile era uma das novas casas cistercienses, uma ordem inexoravelmente determinada a não se corromper pela ganância por ouro e vida fácil. O capitão se surpreendera quando Adrian insistiu em ir para Fontevaile. Aparentemente, o garoto gostava de austeridade.

Richard FitzHugh andava pela câmara mal iluminada, bebendo seu vinho, inquieto demais para ficar sentado, mesmo após aqueles últimos dias exaustivos. Sir Walter o observava afetosamente. O jovem cavaleiro era esbelto, de cabelos dourados, bonito, um bravo guerreiro. Fora sir Walter quem havia sugerido que se juntasse à guarda de Warfield quando saiu de Courtenay, e secretamente o capitão o considerava o filho que nunca tivera. Lorde Hugh tinha filhos o suficiente, com certeza podia abrir mão do menos importante deles. Sir Walter deu um suspiro e se concentrou em seu vinho. Lorde Hugh estava morto e Richard jamais poderia ocupar seu lugar como senhor de Warfield. Algumas coisas não podiam ser mudadas. Ser um bastardo era uma delas.

Ao fim das matinas e dos hinos, o abade William retornou aos seus aposentos. Alertado da presença de visitantes, tinha a cara fechada. Abades devem ser homens mundanos quando se trata de proteger os interesses de suas casas, mas William tinha a expressão beata de um monge que não se esqueceu de que deve-se servir a Deus em primeiro lugar.

Após se cumprimentarem muito rapidamente, o abade perguntou:

— Querem falar com Adrian de Lancey?

Sucintamente, sir Walter explicou o motivo, acrescentando:

— Ele ainda não fez os votos, fez?

— Não, falta um mês para seu décimo sexto aniversário. — As rugas do rosto comprido do abade haviam se acentuado enquanto ouvia o sinistro relato. — Agora suponho que o perderemos. Uma pena. Acho que tem verdadeira vocação.

Sem mais comentários, pediu ao servo que trouxesse o noviço, em seguida sentou-se e aguardou, com as mãos pousadas sobre a mesa e os olhos fechados.

Alguns minutos depois a razão da viagem de sir Walter cruzou a soleira da porta. Havia uma única lamparina acesa, e os visitantes estavam ocultos nas sombras num canto da sala. Sir Walter aproveitou a oportunidade para analisar Adrian enquanto a atenção do jovem estava voltada para o abade. O cavaleiro pouca atenção dera no passado ao filho caçula do seu senhor, mas agora precisava conhecer seu novo mestre — conhecer e se tranquilizar.

Adrian de Lancey não era mais o menino magro e pequeno das memórias de sir Walter. Quase um homem agora, tinha estatura mediana e, sob o pesado manto branco cisterciense, seu corpo parecia saudável e forte. Movia-se pela câmara com a graça de um guerreiro, não com a abstração celestial de um clérigo.

Diferente do pai e dos irmãos, que tinham cabelos dourados, os cabelos de Adrian eram tão claros que quase tinham tom de prata. Seu rosto de traços finos trazia a serenidade contida de um monge, sem demonstrar surpresa ou alarme por ser retirado de seu catre no meio da noite. Sempre tivera aquele ar contido, desde criança. Talvez fosse por causa daqueles olhos graves, reservados, que sir Walter nunca se sentira confortável na presença do jovem.

Adrian cumprimentou o abade baixando a cabeça.

— Gostaria de falar comigo, senhor? — Sua voz era suave e agradável, calma e controlada como sua aparência.

— Você tem visitas — disse William, gesticulando na direção das sombras.

O jovem virou-se. Ao ver seu meio-irmão, por um momento a emoção tornou-se visível em seus olhos cinzentos.

— Richard! — Com surpresa e com notória satisfação, foi na direção do irmão e apertou sua mão.

Richard cumprimentou-o com entusiasmo. Então o olhar de Adrian penetrou a escuridão e reconheceu sir Walter. A emoção desapareceu, substituída pela cautela, ao se dar conta de que aquela não era uma visita comum. Soltando a mão do irmão, disse:

— Sir Walter, seja bem-vindo. Traz notícias de Warfield?

O velho cavaleiro se pôs de pé com sofreguidão.

— Sim, lorde Adrian, e são más notícias, na verdade.

Movendo-se em direção à luz, ajoelhou-se perante o noviço e em silêncio ofereceu-lhe a espada embainhada que trouxera consigo.

O gesto e a saudação de sir Walter expressavam toda a essência da tragédia, e talvez até mesmo os detalhes. Por um instante infinito, o jovem fitou o punho gravado em bronze da espada de Warfield. Não era necessário ser dito que a espada jamais se separaria de seu dono enquanto este estivesse vivo.

Quando já parecia que o silêncio, de tão intenso, poderia ser tocado, Adrian perguntou baixinho, com o rosto totalmente impassível:

— O que aconteceu?

— Duas noites atrás, o feudo de Kirkstall foi atacado. Richard e eu pegamos a maioria dos homens de armas e saímos em perseguição aos inimigos. Por acaso, todos os seus três irmãos estavam em Warfield para as celebrações de Natal. Eu disse a lorde Hugh que não havia necessidade de vir conosco, que deveria aproveitar o tempo com seus filhos e netos. — Ouvia-se na voz de sir Walter o peso da autocondenação. — Creio que o ataque a Kirkstall tinha o objetivo de nos distrair. Enquanto estávamos fora, Warfield foi atacado, antes do amanhecer do dia de Natal, enquanto todos dormiam. A torre de menagem foi incendiada com todos lá dentro. Alguns aldeões foram atraídos pelo barulho do combate e viram da floresta o que aconteceu. Seu pai e seus irmãos lutaram bravamente com as armas de que dispunham, mas não tinham chance. Foi um massacre deliberado. Encontramos a espada de seu pai ao lado do corpo. Foi uma das poucas coisas que sobreviveram ao incêndio.

O semblante de Adrian havia mudado ao longo do relato. Sem mover um único músculo, os ângulos da face se modificaram formando um novo rosto, não mais o de um jovem. As cores claras de sua pele, de seus cabelos e de seu hábito não mais pareciam tranquilas. Agora pareciam incandescentes, como o calor branco do ferro derretido.

— Quem? — perguntou ele. Sua voz era ainda suave, mas tinha um

tom letal que penetrou cada canto da sala.

— Guy de Burgoigne. — A amargura de sir Walter fez o nome soar como uma maldição. — Um bandido que busca construir seu próprio reino nas Marches do norte. — Esquecendo onde estava, o velho cavaleiro cuspiu no chão. — Sendo um dos maiores partidários de Stephen, sabe que o rei não irá puni-lo. Mas quem poderia adivinhar que Burgoigne desceria tão ao sul para assassinar outro nobre em sua própria torre?

Adrian ajoelhou-se perante o abade William, que a tudo observara em silêncio.

— Meu mestre abade, devo partir de Fontevaile, ainda que isso me cause profundo pesar. Dá-me sua bênção?

— Sim, tem minha bênção.

Com a mão sobre os cabelos prateados de Adrian, o abade murmurou algumas palavras em latim, e em seguida deu um suspiro.

— Busque dominar a si próprio, meu filho. Você é seu mais perigoso inimigo.

— Eu sei disso.

Adrian levantou-se e, com os olhos cinza faiscando, pegou a espada de seu pai das mãos de sir Walter e tirou-a da bainha. Correu os dedos suavemente ao longo da lâmina, que cintilava mortífera por baixo das marcas de fuligem e sangue. Depois beijou o cabo chamuscado da espada, outrora empunhado pela mão de seu pai.

Observando, sir Walter respirou fundo e involuntariamente deu um passo atrás, totalmente chocado ao perceber uma semelhança que nunca antes notara. Na pureza mortal do ódio, Adrian quase poderia se passar por seu avô materno, o Senhor de Courcy, um guerreiro de força e crueldade lendárias. A filha de Courcy, lady Eleanor, fora uma doce e gentil amante de Warfield, e sir Walter nunca percebera a semelhança entre os filhos dela e o avô. A revelação foi surpreendente, e não totalmente bem-vinda.

Adrian ergueu a cabeça; seus olhos eram tão mortíferos quanto o aço de sua espada.

— Sir Walter, sagre-me cavaleiro.

— Mas... você tem apenas quinze anos. Não se preparou, não se banhou, não jejuou. — O capitão balançou a cabeça negativamente. — A sagração de um cavaleiro é um dos momentos mais solenes da vida de um homem. Não é correto realizá-la às pressas.

— Aprendi as técnicas básicas do manejo de armas e há mais de dois anos venho rezando e me purificando — respondeu o jovem de forma notavelmente áspera. — Neste exato momento, Burgoigne pode estar indo tomar as terras de Warfield. Não há tempo a perder. Para poder comandar, tenho que ser sagrado cavaleiro, e peço-lhe que me confira o

título.

Sir Walter refletiu em dúvida, cansado demais para tomar decisão tão súbita. Então ouviu-se a voz tranqüila de Richard vindo da penumbra.

— Adrian tem razão. Ele tem uma dura tarefa diante de si, e deve enfrentá-la como um homem entre outros homens.

Sir Walter ainda hesitava quando Richard prosseguiu, em tom ainda mais baixo:

— Se não o sagrar, eu o sagrarei. Porém seria mais adequado que você o fizesse.

Sir Walter baixou a cabeça diante da lógica irrefutável. Outros jovens já haviam antes sido sagrados cavaleiros ao receber uma herança ou às vésperas de uma batalha, e ambas as condições se verificavam agora.

Era costume dizer algumas palavras na ocasião, e o capitão limpou a garganta, olhando nos olhos o jovem de pé à sua frente, ameaçadoramente imperturbável.

— Ser um cavaleiro é um grande privilégio, mas também uma grande responsabilidade. Um cavaleiro deve servir a Deus e à Igreja, deve ser leal e obediente a seu senhor e defender os mais fracos.

Fez uma pausa, e Richard aproximou-se e cingiu a espada de lorde Hugh à cintura fina de seu irmão.

Sir Walter prosseguiu:

— Que Deus lhe dê coragem, sabedoria e força; que você viva e morra com honra. Seja sagrado cavaleiro, sir Adrian.

O capitão deu a Adrian o *colee*, como era chamado o ritualístico golpe de espada sobre o ombro, e a cerimônia estava assim encerrada.

Deveria ser uma imagem não condizente aquela, um jovem usando uma espada sobre o hábito de monge, mas não era. Richard deu um passo à frente e abraçou Adrian. Em seguida, ergueu a bíblia do abade, que estava sobre a mesa, e fez o juramento formal de lealdade ao irmão. Sir Walter se deu conta de que deveria fazer o mesmo.

Após aceitar solenemente seus juramentos, Adrian virou-se para o simples crucifixo pendurado na parede do abade e caiu de joelhos. Empunhando a espada, ergueu-a de forma que a cruz formada pela lâmina e o cabo se alinhasse ao crucifixo.

— Juro perante Deus e os homens que reconstruirei Warfield mais forte que antes — disse com a voz rouca de tanta intensidade. — E juro também que minha família e todos os outros que morreram serão vingados, não importa quanto tempo demore, mesmo que isso custe minha vida.

Dentre os três homens que o ouviam, apenas Richard notou que Adrian não jurara *tentar* a reconstrução e a vingança, mas sim alcançar

tais objetivos. Conhecendo o irmão como conhecia, não tinha dúvidas de que o juramento seria cumprido.

No pátio, o servo do abade conduzia sir Walter e Richard ao quarto de hóspedes, para que tivessem seu merecido descanso. Adrian sabia que não adiantaria se deitar; as emoções conflituosas dentro de si tornariam impossível dormir. Olhando para o céu, viu que a lua estava quase completamente oculta e deu um ligeiro sorriso triste. Dizia-se que eclipses eram prenúncios de grandes mudanças, e certamente isto agora era verdade. Depois desta noite, sua vida nunca mais seria a mesma. Atravessou o pátio em direção à igreja da abadia.

O amplo e ecoante interior estava iluminado somente por algumas poucas velas espalhadas, e todo aquele vazio de pedras fazia os ossos doerem de frio, mais ainda que o vento invernal que soprava lá fora. Uma hora antes, Adrian estava ali com os outros noviços e monges do coral, cantando hinos de louvor. Havia calor nos corpos próximos uns dos outros no coral, havia harmonia em suas vozes em adoração, havia paz na crença de que passaria ali o resto de sua vida. Agora a paz se fora, talvez para sempre.

Pegou um círio aceso, levou-o à mesa de velas votivas e acendeu uma chama em memória a seu pai, lorde Hugh de Warfield. O nobre havia sido um homem duro e rude, inspirando mais respeito que amor, mas acreditara na honra e cumprira seu dever como acreditava ser correto.

Adrian acendeu mais três velas: para seu irmão mais velho, também chamado Hugh, e para sua esposa e filho, mortos no dia de Natal. O jovem Hugh tinha o mesmo caráter de seu pai e, como herdeiro de Warfield, fora bastante arrogante. Contudo, fora de uma bravura inabalável, e os homens de Burgoigne pagariam caro por sua morte.

Outra vela foi queimada por Amaury de Lancey, um ano mais jovem que Hugh. Ressentindo o fato de ser um filho mais novo sem posses, Amaury fizera questão de provar que era equiparável ao seu irmão mais velho. E, para o bem e para o mal, ele foi.

Baldwin era o mais novo dos três irmãos que morreram. Ele e Richard tinham a mesma idade, e Baldwin sempre tratara o bastardo com desdém. Ironicamente, seu desprezado meio-irmão sobrevivera porque estava perseguindo inimigos no amargo clima de dezembro, enquanto os legítimos de Lancey desfrutavam do conforto da ceia de Natal.

Adrian respirou fundo, inalando a fragrância de incenso e o odor acre de cera queimando. Seria crueldade estar grato por ser logo Richard, o irmão que Adrian mais amava, o único membro da família que

sobrevivera?

Deu um sorriso triste. Talvez fosse crueldade, mas não podia negar o que sentia.

Então, como sempre fazia, acendeu uma vela para sua mãe, porém sua alma certamente não precisava de preces. Em vez disso, rogou humildemente pelo perdão de Deus. Quando lady Eleanor morreu, um ano antes, rápido demais para permitir que Adrian chegasse até ela, sentira ódio de Deus por ter levado uma mulher tão bondosa tão cedo. Devia ter tido mais fé. Agora via que fora por misericórdia divina que sua mãe tinha sido levada de forma rápida e tranquila, e não nas chamas de Warfield, cercada pelos gritos de sua família e de seus criados morrendo.

Finalmente, com expressão soturna, Adrian acendeu metade das velas da mesa, alternadamente, até que dúzias de chamas ardessem desafiando a escuridão com sua luz e calor. Estas eram para os cozinheiros e seus ajudantes, para os cavaleiros e guardas que também tinham morrido nas mãos de Burgoigne e seus homens. Ainda criança, Adrian conhecera a maior parte deles, brincara com alguns, aprendera com outros. Que Deus tivesse misericórdia de suas almas. Tinham o direito de esperar proteção de seu senhor, e lorde Hugh fracassara. Pedia a Deus que jamais fizesse o mesmo.

Batendo suavemente as sandálias, cruzou a nave até a Capela de Nossa Senhora, onde uma vela iluminava a estátua da Mãe Santíssima. Sempre adorara esta capela, pois o rosto bondoso de Maria tinha uma eterna serenidade que o fazia lembrar-se de sua própria mãe e de tudo que era agradável e puro em sua vida. Havia uma profunda verdade no fato de falarem na Igreja da Mãe Santíssima, pois a Igreja era a força da civilização e compaixão entre as nações, assim como as mulheres traziam misericórdia e bondade para os homens.

Ajoelhou-se e deitou sua espada perante o altar. Normalmente, candidatos a cavaleiros rezavam sobre suas armas na noite anterior, suplicando por força e humildade, mas Adrian invertera a ordem. Baixando a cabeça, cobriu o rosto com as mãos e respirou profundamente, ignorando a pedra gélida sob seus joelhos.

Enquanto tentava rezar, fragmentos de pensamentos e sentimentos turbilhonavam em sua mente; planos para o futuro em conflito com suas turbulentas emoções. Tinha que protestar ao rei sobre o comportamento assassino de Burgoigne. Stephen não puniria um de seus diletos, mas talvez, sentindo-se culpado, o rei abrisse mão ou reduzisse a quantia a ser paga pelo direito de herança. O dinheiro economizado seria muito útil na reconstrução de Warfield em pedra, não em madeira, para que nunca mais fosse incendiada. E em outro local. Adrian já havia sugerido uma

vez que a antiga torre de menagem era vulnerável demais, mas lorde Hugh zombara do fato de um simples garoto questionar a avaliação do pai.

Entretanto, taxas e castelos eram apenas questões mundanas, possíveis de se solucionar. O que não tinha solução era o fato de agora ser um senhor, que podia decidir a vida ou a morte de centenas de homens, mulheres e crianças. A vida de um monge não era fácil, mas havia nela simplicidade, e aqui em Fontevaile ele era capaz de controlar seu lado obscuro e destrutivo.

Sua mãe reconhecera em seu filho caçula o mesmo temperamento bárbaro do pai, e fizera todo o possível para refreá-lo com seu exemplo de amor e bondade. Fora lady Eleanor quem sugerira que Adrian entrasse para a Igreja. Ele reconhecera a sabedoria de seu conselho, pois ainda menino, treinando com lança e quintana ou o com a espada, já experimentava o traiçoeiro prazer de matar. Assim sendo, Adrian desde cedo se impusera rígido autocontrole. Por algum tempo acreditara que podia ser ao mesmo tempo um guerreiro e um homem de Deus. Então os primeiros sinais da maturidade intensificaram suas paixões, convencendo-o de que sua habilidade para a violência excedia sua capacidade de controlá-la.

Adrian expirou, formando uma nuvem no ar gelado, enquanto pensava em tudo que estava perdendo — não só um estilo de vida, mas possivelmente sua própria alma. Entrara para a Igreja acreditando que ela lhe oferecia a única esperança de viver uma vida de devoção, e ao renunciar ao mundo encontrara sua realização.

Mais que realização, havia prazer em saber que passaria o resto da vida trabalhando e rezando em Fontevaile, entre o silêncio e as canções de louvor, cercado por aprendizados e beleza. Poucas eram as tentações mundanas ali, e as grandes batalhas eram aquelas do espírito, percebidas apenas pelo seu confessor, embora não fossem menos desafiadoras por serem internas. Luxúria, orgulho e ira faziam parte dele, e mesmo num monastério, distante das tentações, descobrira que eram oponentes mais fortes e mais ameaçadores.

Mas o mundo o reivindicara para si. Os mesmos pecados contra os quais lutava eram frequentemente admirados por homens comuns, que consideravam o orgulho adequado a um nobre, a fúria, uma virtude num guerreiro e a luxúria descontrolada, uma prova de virilidade. Seria tão fácil, tão incrivelmente fácil, tornar-se um monstro como o Senhor de Courcy.

Adrian estava assustadoramente ciente de que, por baixo do luto e do pesar pelo assassinato de sua família, havia intensa alegria por Deus não ter achado apropriado deixá-lo em Fontevaile.

Prostrando-se no chão perante o altar, o rosto pressionado com a pedra gélida, rezou pedindo que tivesse a força de que precisaria adiante. Não a força para proteger seu patrimônio, ou para reconstruir Warfield, ou para proteger as pessoas sob seus cuidados. Essas coisas ele sabia que era capaz de fazer.

A verdadeira provação, aquela que ele temia não ser capaz de vencer, era dominar a si próprio.